

Carência afeta Ortopedia do HRT

Alan Marques

CLÁUDIA CARNEIRO

A Unidade de Ortopedia do Hospital Regional de Taguatinga está com pés e mãos quebrados. Faltam desde profissionais a materiais para cirurgias e até curativos. A fratura ficou exposta depois que muitos médicos, cansados de conviver com a falta de condições de trabalho, pediram demissão, deixando mais deficiente um quadro funcional defasado, que foi montado em 1982 e que não acompanhou o crescimento da população de toda a área que recorre àquele hospital. O secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna, admite a gravidade da situação e anuncia que está estudando formas de atenuar a superlotação no HRT (veja matéria abaixo).

A situação da Ortopedia tornou-se mais difícil depois que um movimento de médicos, iniciado individualmente, colocava cargos à disposição, exigindo melhores condições de trabalho, tomou proporções coletivas. Em reuniões feitas entre os profissionais da Unidade, foi decidido que o Conselho Regional de Medicina estaria à

frente para amenizar a situação.

Há mais de seis meses, as demissões sucessivas e voluntárias, vêm deixando um vácuo cada vez maior nos plantões e atendimentos. Nildo da Silva, 43 anos, de Taguatinga, quebrou o fêmur e a bacia. chefe da Unidade é obrigado a fazer a cirurgia há 22 dias e enquanto isso divide um espaço nos corredores da Emergência com outros pacientes. "Selecionamos as cirurgias pela urgência, porém constantemente um fraturado que precisa ser operado em 24 horas perde a vez para um baleado", disse Ricardo.

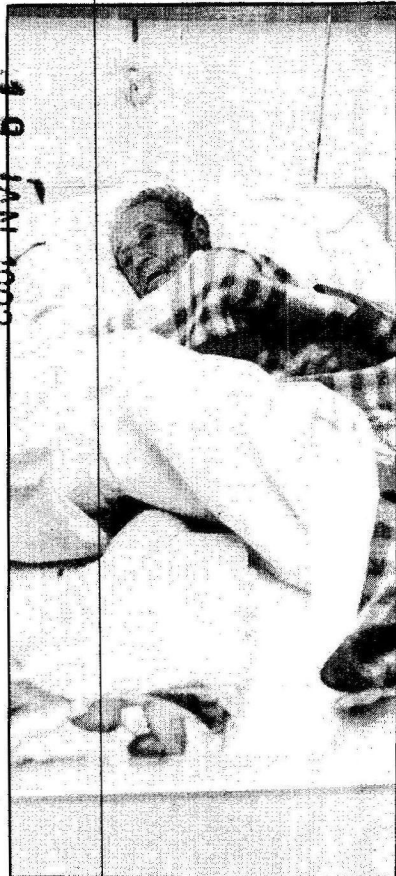
Improvisação — A falta de material para cirurgias leva os médicos à improvisação. Faltam placas, parafusos, próteses, cadeiras de roda, macas. Não existe um único fixador externo, peça fundamental para certos tipos de fraturas. Quando entram para o centro cirúrgico e depa-ram com escassez de material — conta Ricardo —, os ortopedistas cortam parafusos, para aproveitá-los nas próximas cirurgias, usam quantidade menor de placas para colagem dos ossos e aproveitam materiais obsoletos estocados na Fundação Hospitalar.

Demanda — No atendimento emergencial, a Ortopedia só perde para a clínica médica, que atende mais de 200 pacientes por mês. A numerosa clientela que chega ao HRT, vinda de Ceilândia, Samambaia, Brazlândia e da própria Taguatinga — que deve chegar a pelo menos 60% da população do DF —, é atendida pelo quadro restrito de 15 ortopedistas.

Os 46 leitos da enfermaria ficaram lotados e no pronto-socorro

são internados diariamente entre 15 e 20 pacientes — a maioria fica à espera de uma cirurgia durante dias, semanas ou mais de mês. José Nildo da Silva, 43 anos, de Taguatinga, quebrou o fêmur e a bacia. Aguarda cirurgia há 22 dias e enquanto isso divide um espaço nos corredores da Emergência com outros pacientes. "Selecionamos as cirurgias pela urgência, porém constantemente um fraturado que precisa ser operado em 24 horas perde a vez para um baleado", disse Ricardo.

Improvisação — A falta de material para cirurgias leva os médicos à improvisação. Faltam placas, parafusos, próteses, cadeiras de roda, macas. Não existe um único fixador externo, peça fundamental para certos tipos de fraturas. Quando entram para o centro cirúrgico e depa-ram com escassez de material — conta Ricardo —, os ortopedistas cortam parafusos, para aproveitá-los nas próximas cirurgias, usam quantidade menor de placas para colagem dos ossos e aproveitam materiais obsoletos estocados na Fundação Hospitalar.



A espera da cirurgia é lenta